

CONTOS BREVES, DE CESÁRIO PRADO: UM LIMIAR NA CONTÍSTICA MATO-GROSSENSE

Agnaldo Rodrigues da Silva¹



Resumo: Este ensaio é um estudo sobre a estrutura narrativa do livro *Contos Breves*, de autoria do escritor mato-grossense Cesário Prado. Trata-se de uma obra publicada em 1962 e que se transformou em uma fonte fundamental para compreender a contística em Mato Grosso no século XX.

Palavras-chave: mato-grossense, contística, século XX, narrativa, ensaio.

Abstract: This essay is a study of the narrative structure of *Contos Breves*, written by a writer from Mato Grosso, Cesario Prado. This book was published in 1962 and has become a key source for understanding short stories in Mato Grosso, in the twentieth century.

Keywords: Mato Grosso; short stories; the twentieth century; narrative; essay.

Com a epígrafe “Deixem-me sonhar, se é sonho: a realidade é o luto do mundo, o sonho é a gala” (p.6), Cesário Prado abre o seu livro sob o título de *Contos Breves*. Na página seguinte, ele cita o pensamento de Júlia Lopes de Almeida que diz: “Tudo no mundo é como o fumo, - delével – menos a saudade dos pais pelos filhos que morrem” (p.7).

Antes de quaisquer referências que devamos fazer ao conteúdo do livro ou sobre os dados inerentes à sua respectiva publicação, é crucial comentar esse pensamento de Machado, em que considera a realidade das coisas um luto e o sonho uma grande festa. Entender, também, o trecho de Almeida que julga indelével a saudade dos pais pelos filhos que morrem. A explicação pela escolha que Cesário Prado fez de duas epígrafes tão contraditórias à dinamicidade dos contos escritos e publicados nessa coletânea revela a sutileza de uma reflexão que fala de saudade, perda, desilusão e amor eterno que, sobremaneira, endossa o texto pessoal, amplamente sentimental, pelo qual Cesário Prado elabora a dedicatória de sua obra:

À memória do meu idolatrado filho Paulo Maria da Silva Prado, morto aos doze anos de idade, - único leitor entusiasta dos meus contos e ouvinte e comentarista de minhas traduções até no leito de enfermo, - a tua memória Paulo, tu que foste a mais radiosa alegria do meu lar e hoje és a mais pungente saudade, dedico os contos desta coletânea. (p.7).

Fica visível, portanto, a correspondência entre o sentimento do autor e o conteúdo de alguns dos

contos, estabelecendo o verossímil, quando, ficticiamente, *Contos Breves* canta, tristemente, a perda de entes tão queridos.

Feitas essas primeiras considerações, às quais não se poderia omitir a alusão, introduziremos, a partir de agora, a beleza desse compêndio de narrativas que engrandece a literatura mato-grossense e, conseqüentemente, a literatura brasileira.

Alhures, *Contos Breves* é uma obra que pode, obviamente, situar-se fora de todo o pesar caracterizado por uma perda irreparável (a perda de um filho como acontece em alguns dos contos), pois as narrativas que compõem o enredo falam também de vida, alegrias, ânsia pelo conhecimento do mundo, viagens diversas, mitos, ritos, lendas, história, literatura, surpresas, ansiedades e as mais complexas e/ou inusitadas coisas que, porventura, são passíveis de acontecer no dia-a-dia das pessoas.

Publicado em 1962 pela gráfica Editora Aurora Ltda, no Rio de Janeiro, e oferecido, pelo próprio autor, à Academia Matogrossense de Letras nesse mesmo ano, *Contos Breves* é uma coletânea de trinta e quatro narrativas curtas. São contos escritos para contemplar a afirmação do homem moderno no espaço das mudanças científicas e tecnológicas que transformou a sociedade em um aglomerado de indivíduos preocupados com o tempo cronológico, com o trabalho e outros compromissos materialistas. Isso significa que Cesário Prado institui no seu estilo peculiar a predileção por temas simples e um modo de apresentar de modo o mais direto



possível, já que não se encontra excessos de detalhes, nem descrições demasiadamente longas em nenhum desses contos.

O narrador de cada uma das histórias convida-nos a entrar nas entranhas do subjetivismo, abrindo as portas à comunhão em festa lírica entre as personagens e seus possíveis leitores. A poesia, indubitavelmente, habita as entrelinhas desses escritos, constituindo o principal veículo interativo entre o mundo da ficção e o da realidade: as situações vividas pelas personagens e as ações praticadas por elas nos desesperam, às vezes, nos consolam. No entanto, o que importa é que cada ser de papel construído por Prado tem algo a nos ensinar.

Imensas doses de humanitarismo fazem as personagens galgarem patamares semelhantes aos vividos pelos homens. Tudo isso e coisas além aproximam o autor dos narradores e, por conseguinte, esses das personagens. A relação intrínseca observada entre o autor e o herói lembra, sobremaneira, a teoria de Bakhtin que, na sua *Estética da Criação Verbal*, discute exatamente as aproximações e os distanciamentos (ou, se preferir, as inferências e os estranhamentos) que a personagem fomenta, inevitavelmente, com o seu criador. Antonio Candido pensou os limites entre o autor e a personagem pelo viés de Forster: nesse caso, há o *homo fictus* e o *homo sapiens*, em que o primeiro é o homem da ficção e o segundo, da vida real. O *fictus*, segundo essa reflexão, vive mais intensamente as relações humanas porque vive num mundo em que as convenções sociais vigentes podem ser dribladas com mais destreza.

Às vezes confundindo-se, outras se estranhando, autor e personagens comungam o sentimento de saudade pelos entes que já se foram. O primeiro conto da coletânea, “Tio Leandro”, narrado em primeira pessoa e de modo onipresente, inicia-se da seguinte forma:

Meu tio Leandro foi um dos caracteres mais excêntricos e originais que me foi dado conhecer.

Minha memória recompõe sem esforço sua figura inteira e se seus traços carecerem de nitidez nestas linhas, será por falta de agudeza de observações, na pouca idade em que conheci tio Leandro. (p.9).

A satisfação pela lembrança do tio faz lembrar as brincadeiras de criança e o recôndito do lar, pois “era uma alegria quando de raro êle aparecia

em casa: - Ora viva, sempre tio Leandro veio ver-nos!” (p.9). O narrador-personagem traça o perfil do tio entusiasmadamente, contagiando o leitor numa perspectiva fundante, pondo a conhecer os aspectos físicos, as virtudes e os defeitos do tio. Do alvoroço que ocorria quando da chegada do tio ao mistério que rodeava aquela figura, a imaginação infantil estava despertada para uma personalidade que marcaria para sempre a sua memória, o inesquecível Leandro, que fazia as crianças ficarem “embevecidos contemplando-lhe a bela barba nazarena, já grisalha, o bem feito nariz judaico e o rosto pálido de asceta, animado pelo brilho de seus olhos pequenos e vivos” (p.9).

Nesse conto, o protagonista embeleza a narrativa ao invadir o espaço de suas memórias. Lembra dos princípios austeros que o tio tinha quanto à política porque, para ele, o político, por exemplo, deveria ter o compromisso com a sociedade, dedicar-se à causa pública, deveria ser de honradez à toda prova. Mas era avaro e esse defeito tinha efeito unânime. O interessante é que tanto as virtudes quanto os defeitos ajudam a lembrar do tempo de outrora e construir um retrato aguçado dos comportamentos do Leandro. Tudo parecia intacto na memória, até mesmo a antiga casa: “As dependências da casa nada tinham de notável. Interior singelo, móveis demódés, enormes, pesadões” (p.10).

Mas era justamente a reconstrução do espaço que completava a lembrança do tempo de quando o tio ainda era vivo: aquelas mangas de vidro nos aparadores, os candelabros com bobeches de cristal, afogados no abandono da poeira. Espaço e tempo estão amalgamados numa espécie de cronotopo, como teorizou Bakhtin (2002), pois o tempo da memória reconstitui o espaço num misto de concreto e abstrato: a lembrança da casa faz fluir, com mais nitidez, as características de uma época já vivida e que deixara saudade.

A morte de Leandro e a surpresa do testamento encerra o conto surpreendentemente, pois

Seus herdeiros, porém, estavam todos deserdados em testamento que consignava tudo a institutos de beneficência a serem fundados em nome dêle – tio Leandro.

Foi esta a terceira surpresa, talvez a única dolorosa e que valeu alguma lágrima ao bom e inesquecível tio Leandro. (p.12).

Em outros contos, Prado constrói narradores em terceira pessoa: é o caso de “Amor de

Primavera". A trama é construída por meio de correspondências, nas quais se descrevem espaços, contam-se acontecimentos, situam-se os dias e informam sobre sentimentos íntimos. Tudo começa com a voz do interlocutor, ao indagar e oferecer uma informação: "O Hotel Estrela? É só descer a praça e tomar aquela rua à esquerda. O hotel fica bem defronte de três palmeiras, ali mesmo [...]" (p.13). Depois, o protagonista, Paulo, assume o seu papel de personagem-chave, conduzindo o enredo até o desfecho final.

Religiosidade, misticismo e mistério são características intensas nas narrativas de *Contos Breves*. Em "Soror Martha", a heroína, que leva o nome do conto, lembra-se do passado após receber uma carta do irmão, relatando a saudade e a decepção por ela ter escolhido seguir a vocação. A carta tem uma proporção imensa sobre o conteúdo dessa história, tendo em vista que dela depende o enredo e o desfecho da narrativa.

O convento é descrito como um ambiente silencioso, desolado e melancólico. Assim, a "senhora de luto" vem ao encontro do mórbido convento; o pesar do coração faz alusão aos "calçados de chumbo" (com os quais a personagem caminha pesarosa) e o contraste entre o "alvo Cristo" com a "negra cruz" estabelece o contraponto dos prazeres da vida com o sofrimento da abnegação. As confissões do irmão mais jovem sobre a sua partida ("quando apareceu na sala aquela senhora de luto, para te buscar para o convento, eu fui me fechar no quarto, mas foi porque senti que não tinha ânimo de te ver ir embora") (p.18) fez com que a noviça testasse a fé, de modo que ao fim de uma leitura que lhe suscitou pesar, desconforto e imensa saudade do entes queridos, ela

ajoelhou-se em frente ao Cristo de gesso, tão alvo sôbre a negra cruz, e em breve foi se sentindo muito outra, muito acima da inconstante, fugidia ternura humana, muito mais forte na sua resolução de perene sacrifício, de voluntária imolação própria, parecendo-lhe que o seu Deus crucificado, - com vivas chagas nas mãos piedosas, assim lhe dizia com os braços abertos: - Por amor de ti, Martha, também eu me deixei trespassar de dores, como vês, minha filha. (p.19).

O elo entre Deus e o homem (ou o homem e o cosmo) está estabelecido. Uma fé que faz ultrapassar limites, suportar a dor interior da

reclusão e, acima de tudo, lapidar a alma pela abnegação e pelo amor. Eliade (2001) faz uma distinção interessante sobre o tempo de Deus e o tempo dos homens: para ele, o tempo de Deus é o tempo sagrado e o tempo dos homens é profano. Portanto, habitar, como fez Martha, o tempo sagrado requer imensa doação de si mesmo, aspecto que esse conto lega com muita propriedade ao leitor.

A busca pela "personagem-santa" pode ser mais visível no conto "A estrada de Santa Gudula", em que além da presença do sobrenatural e do místico, há o milagroso. A respeito do sobrenatural, o narrador salienta que

era de certo o espírito das trevas que soprava sôbre a luz da piedosa donzela para dissuadi-la da devoção cotidiana, pela arma do medo [...] Gudula tornar-se-ia de pavor mortal sentindo o hálito do maligno, se não se socorresse da oração. (p.22).

"Foi um dos primeiros milagres de Gudula" (p.22), assim diz o narrador. Esse conto (dentro outros dessa coletânea) exalta as boas virtudes, a doação ao próximo e a prática da cristandade. Esse tipo de temática, utilizada para o conteúdo das narrativas, é revelador de crenças peculiares nas povoações interioranas de nosso Brasil. É a necessidade de santificação das pessoas boas que, despojadas de materialismo, praticam a caridade e a humildade. No caso da personagem Gudula, o narrador faz a citação de diversos prodígios realizados, dentre os quais citemos estes:

Apieda-se a Santa por uma criancinha tôda coberta de chagas, úlceras repugnantes. Quem não tem dó de uma criança que sofre? Qualquer [um] daria de comer e de beber à pobrezinha que nem podia levantar os olhos para a lindeza do céu, nem com as próprias mãos levar o alimento à bôca inocente de beijos.

Gudula, porém, numa grande compaixão, envolveu-a de abraços e cobriu-a de beijos, orando por ela àquele que ressuscitou Lázaro. Depois devolveu-a ao regaço da mãe lacrimosa: a criança estava sã.

De outra vez só bastou a imposição das santas mãos de Gudula sôbre as sangrentas escaras de uma morfética e a cura se operou com a espontaneidade de uma graça. (p.22).

Em "Luz sobre Cinzas", conto disposto a *posteriori*, o narrador pede a permissão para

relatar mais uma história de santo. S. Juliano é o protagonista que se vê envolto de milagres que caminham rumo ao estranho. O estranho, talvez fantástico (deixo o leitor à vontade para analisar o caso) vem através de um animal que fala ao Santo Juliano sobre coisas que aconteceriam, um tipo de profecia. Juliano, que abandonou as caçadas porque num desses dias encontrou um cervo que, movido pelo dom da palavra, por inaudito milagre, disse: “- por que tanta sanha em matar-me, Juliano, tu que terás de matar os teus próprios pais?”. Uma história que lembra com vigor o *Édipo Rei*, de Sófocles, pois Juliano, nesse conto de Prado,

Na estupefação que lhe paralisou as mãos no momento [...] poupou a caça, mais do que isto, é fácil calcular como tais palavras lhe encheram a alma de terror Pânico.

Abandonou então a terra natal, fugiu do teto paterno, para afastando as circunstâncias culposas, impedir se cumprisse o destino, acontecesse a sinistra profecia. (p.24).

Não obstante, assim como Édipo, Juliano assassina os próprios pais por engano. O arrependimento e a alma boa do protagonista rendem-lhe a centelha de luz capaz de avistar, num leproso necessitado, a quem estendeu a mão, a figura de Jesus Cristo que serenamente lhe diz: “os teus pecados há muito já estão perdoados” (p.26). Sempre que se faz menção aos leprosos, doentes tomados por vísceras, recupera-se, por referências, a figura bíblica de Lázaro, tal como está feito em “A estrada de Santa Gudula” e “Luz sobre cinzas”; trata-se de dois contos que falam de medos, mas também de bondade e superação das fraquezas da carne.

Dos contos que lembram os mitos antiquíssimos, como no caso do de Édipo, há, de outro modo, aqueles que enfocam as personagens históricas que se tornaram heróis míticos: é o caso de “A lembrança do paraíso”, em que o personagem principal é Alexandre, o da Macedônia. Esse conto, em especial, está subtítulo de “uma lenda do Taimud”. A exemplo de outros contos, a descrição do espaço está voltada para o bucólico, incitando a comunhão entre o homem e a natureza. Narrações como “na exuberância da vegetação, na transparência e suavidade do ar parecia que o país recebera do céu o dom de uma eterna primavera. E que leve aroma de mata virgem, de

plantas silvestres [...]” (p.17) são comuns, mostrando ao homem que a boa vivência deve incluir o contato com a contemplação da natureza, longe do ambiente citadino.

De um conto para o outro parece acontecer uma gradação de valores. Nos primeiros, percebemos uma crise diante da não aceitação da morte. A partida de um ente querido para o desconhecido desencadeia uma crise existencial, pois a saudade e o inconformismo dilaceram pouco a pouco a alma de quem ficou; depois, os contos falam da busca pela beatificação, em que se luta pela perfeição moral por meio da prática das boas ações: “o Paraíso, a Felicidade é o repouso absoluto” (p.30), diz uma personagem no conto “A lembrança do paraíso”.

Se num conto temos a perfeição edificada lentamente, em outro encontramos a desestruturação das esperanças e o afundar das ilusões (como aconteceu com Penélope, de Homero, que desconstruía a túnica mortuária, ou com a protagonista de *A moça tecelã*, de Colasanti, que após tecer toda uma vida, resolve jogar a lançadeira ao contrário e des-tecer tudo). Esses são aspectos fundamentais em “A perfeição”, “Rosinha, a do sobrado”, “A boneca de Lili” e “Voé Soli”. Da “perfeição absoluta e inenarrável” (p.31), sintetizada sobre um sepulcro que mesmo os amigos acharam uma obra sem defeito, “até esses a proclamaram perfeita – tão difícil é a perfeição” (p.33), a ideia evolui à contemplação da beleza da mulher. A personagem Rosinha, que morava num sobrado, tinha abaixo da janela um jardim suspenso repleto de flores. A harmonia entre a menina-rosa e as flores confundia o narrador-personagem: qual das flores era a mais bela? Sem titubear, era Rosinha. A menina era o encanto de flor que embalava o coração do protagonista: Raul. A perfeição da mulher amada entra em decomposição: Rosinha era paralítica, por isso, nunca descia do sobrado e sempre se prostrava na janela, como uma das flores do jardim. Os nomes dos protagonistas são sugestivos: Rosinha, que é uma rosa, misturada entre outras flores, e Raul, que lido pelo inverso das letras, forma a palavra luar, como se a Rosinha estivesse sempre na janela olhando o luar, visto que o Raul sempre estava à espreita, esperando a amada aparecer para olhá-la.

Temos, também, nessa coletânea, “A boneca de Lili”, cujos olhos eram azuis assim como azul é a beleza do céu. Azul eram os próprios olhos da

menina (Lili), que havia morrido de uma causa inexplicável. O narrador faz a descrição física da protagonista: ela era, pois, uma perfeição que havia deixado cedo a vida entre nós. Um conto cujo final é inusitado. Depois de exumarem o corpo da pequena, “querem saber o que encontraram com aquêles ossitos? Nada mais do que um dos olhos da boneca de Lili – um lindo e claro ôlho azul com dois arames cruéis que com certeza atravessaram na garganta da desditosa e querida menina [...]” (p.41). São os mesmos olhos azuis que se repetem no conto “Voé Soli”, em que o herói tem “uns olhos de vivo azul de turqueza” (p.44), que une a uma ideia perfeita de Cristo pela “falhada barba à nazarena” (p.45).

Temáticas que se repetem e temáticas diversificadas. Assim, Prado tece, cuidadosamente, o enredo dos contos. “Emílio de Tal”, “Meu ‘dreaming’ na província”, “A pele do teatro”, “Os amigos”, “Mirena”, “Nos canaviais”, “Amores caipiras”, “La giralda”, “Por causa da peste”, “Djerane, o astuto ou “Com as mesmas moedas”, “Aquêlê Garôto”, “Cruel enigma”, “O noivado de Joanita”, “Entre irmãos” e “O piano” são contos que também trazem finais surpreendentes. Não que queiramos, nessa apresentação, levar o leitor ao extremo da curiosidade, mas, sobretudo, chamar a atenção para uma leitura agradável e fascinante, capaz de levar ao deleite de narrativas bem elaboradas, como as de *Contos Breves*.

São inúmeras e diversificadas as personagens que compõem os contos. Entre elas, está o Emílio de tal, um moço estrábico, imberbe e de notável assimetria facial: trata-se de “Emílio Parente dos Santos”, um protagonista feito em caricatura, abrindo o ciclo de personagens não fazem questão de se identificarem por nomes. Lembremos de “O meu ‘dreaming’ na província”, em que a personagem-narradora não tem nome e se ocupa em filosofar sobre os sonhos e as patentes da morte: “os sonhos exprimem antecipadamente coisas de provável realização conosco”, salienta. Contrapontos entre o sonho e a morte (“estado que geralmente se afirma ser o do mais completo repouso”) (p.52), indicam uma leitura particular de Olavo Bilac, que “houvera pregado redonda peta escrevendo que a morte é o último confôrto” (p.52). Um sonho que permitiu ao personagem a experiência da morte e a assistir ao próprio funeral à revelia do que talvez pudesse ser a realidade. Mas não era: tratava-se mesmo de um sonho. Pelos moldes nos quais Machado de Assis e Jorge

Amado estruturaram, respectivamente, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *A Morte e a morte de Quincas do Berro d’água*, Prado cria uma situação conflitante entre o desejo pela vida e o desconforto de presenciar as mesquinhas do próprio enterro.

Vivendo o que faz parte do mundo onírico, as personagens de Prado criam o seu próprio espaço interior. Em “A pele do teatro”, por exemplo, encontramos uma personagem amante do teatro, aliás, “o homem que à mesa sentou-se em minha frente, era ator” (p.55). Aqui, a personagem adere às metamorfoses dos papéis, pois, de tanto atuar no teatro, vai perdendo, progressivamente, a personalidade. Deixa de ser natural e passa a imitar o mundo da ficção. A personagem confessa ao interlocutor o seu problema, dizendo:

Sinto porém que o palco me roubou a personalidade, todos os característicos da minha individualidade. Hoje eu sou Otelo, Bocácio, o Conde de Monte Cristo ou de Luxemburgo, sou seu Euzébio, ou sobras de imaginações disparatadas ou geniais, mas sinto que não sou eu mesmo – eu tenho a pele do teatro. (p.56).

Todas essas questões desembocam numa crise maior entre os homens: a crise existencial, em que cada indivíduo luta contra si mesmo, a fim de vencer o egoísmo, a inveja e a cobiça. Lembremos de “Os amigos”, um conto magistral. Nele, o ciúme faz o protagonista assassinar um amigo, empurrando-o do alto de uma construção. Ciúme por um suposto adultério (que, é claro, não havia acontecido), apenas suposições movediças que envenenaram a alma e criaram a loucura interior. Pedro assassinou Manoel e, depois, prestou depoimento sobre o caso, para o qual ante a pergunta do delegado: “- o morto era seu amigo? êle replicou com firmeza: - Era tão meu amigo, seu doutor, que se hospedava em minha casa” (p.59).

“Mirena” também trabalha a temática do onírico. Toda a trama acontece no mundo do sonho, onde vê a morte da pessoa amada. No entanto, “tudo aquilo que Mirena vira fôra apenas um sonho de meia-noite, um pesadelo de amor, um temor do seu coração, o susto, a ansiedade pelo objeto do seu carinho – e nada mais” (p.64). “Mirena”, portanto, é um conto que poetiza “um pugilo de emigrados das terras

altas de Santa Cruz (Bolívia)" (p.61), assim como faz referência aos índios chiquitos. A cultura desse povo indígena, bem como suas características, é frisada pelo narrador, pois o leitor é levado a saber que

estes índios são pequenos só no nome. Como são baixas e estreitas as suas malocas, os espanhóis supuseram-nos de pequena estatura, de onde o nome de chiquitos, isto é pequenotes. Mas, ao contrário, são até de robusta compleição e boa altura. (p.62).

A heroína desse conto é, aliás, uma chiquita e, ao mesmo tempo em que a conhecemos, tomamos contato com a fisionomia inerente a esses indígenas. Mirena, pois,

tinha o pleno viço de môça. Muito à flôr do rosto e à míngua de pestana e sobranceiras, seus olhos obliquavam-se amendoados, como olhos indochinos; de moreno mais leve que o comum da sua raça, as feições careciam de certo encanto na singularidade do mento um tanto prognata, a bôca de lábios fugidios, uma linha de dentes pequenos e desiguais, como os dentes afiados dos lincês selvagens de suas montanhas. (p.62).

Do bucólico (e por que não idílico?), alguns contos deixam o rio conduzir as manobras das histórias inventadas. Histórias imaginadas pelo autor, talvez pelos narradores e personagens: não importa, pois todas essas categorias estão entrelaçadas para oferecer ao leitor o máximo de lirismo possível nas entrelinhas das narrativas. Através do rio que corta as terras de uns e de outros, os fatos são contados em "Nos canaviais" e "Amores caipiras": se, no primeiro, as personagens iam "rio acima por entre margens de canaviais" (p.65) em busca de outras paragens, cantando quadrinhas e vivendo uma vida de viajantes, "onde, enfim, também se ajeitavam ninhos para os amores fecundos" (p.68), no segundo, o rio personifica um depósito de almas onde boiou os corpos da Florinda, do Pernetá e da Sinh'Anna, todos afogados naquelas águas que de belas tinham um quê de traiçoeiras. Mortes que renderam falatórios vindos da boca de gente humilde, "causos" dos quais quem conta um conto aumenta um ponto, como diz o ditado; porém, é um tempo quando a noite gerava amores: os amores caipiras, tal como bem diz o narrador, "que assim é que deviam ser todos os amores caipiras" (p.72).

O rio é também a estrada dos viajantes em "La Giralda": uma viagem que percorre a América e indica a influência espanhola, com direito às expressões e aos nomes peculiares: "Los muchachelos", "Carmen, a Panchita", "Estela, a Maiga", "Che, la Reina", além de citações como:

Le gustan los moranguinos,
tanto dulce han de tener:
como un beso masculino
sobre uns labios de mujer. (p.75).

Amores construídos, outros desiludidos. Pois, se em "La Giralda" os viajantes buscavam refúgio da solidão nos braços de mulheres do aquém da terra natal, em "Por causa da peste" a protagonista, Ricarda, é abandonada pelo marido na terra onde nascera e crescera. Porém, "não se deu por vencida e pôs-se a cuidar do sítio como se nascesse para ser homem" (p.77). Tem lugar, nessa paisagem descrita, a "areia do pantanal resequido, onde o capim falhava em gretas abertas pelas sêcas ardentes" (p.78). O falar do pantaneiro traduz-se em simplicidade, pois o córrego é côrpo e a grama tenra do brejo dá o toque de realismo circundante. As moitas, as canoas, a aroeira, o "Guatós", todas as coisas criam a imagem da imensidão do pantanal, paragem bem conhecida pelas personagens, mas que, sorrateiramente, suga a vida de uma criança que se afoga no rio: "vendo o corpo do filho batendo nas pedras da barragem, ao fluxo da corrente, doida de dor, lançou como leoa ferida, o seu último grito: '- Por causa da peste!'. E com os braços para o ar, atirou-se no rio[...]" (p.79).

Do Pantanal, enquanto mundo, entra-se em contato com referências e inferências de monarcas: Dejerane III, rainha de Sabá, e o rei de Judá. É o que reza o conto "Djerane, o astuto", em que são projetadas filosofias de vida que valorizam o homem pelo seu caráter justo e verdadeiro: "os reis amam os que lhes dizem a verdade" (p.84). Esses valores tecem laços inconfundíveis de simpatia e fizeram em "Aquele Garoto" um pai reconhecer o filho, nunca visto, numa multidão de desconhecidos. Uma intriga que começa do seguinte modo: "- Que dirias, meu amigo, de um homem que à esquina de uma rua parasse em frente a um pequeno vendedor de jornal e pusesse a mirá-lo e remirá-lo depois fôsse de carreira atrás do garôto até que êle se perdesse na multidão?" (p.84). O amor aventureiro e o relacionamento sem responsabilidade, repentinamente, após

muitos anos, põem à frente do protagonista uma fatalidade, pois

o encontro com aquele garoto, vendedor de jornais [...] o nariz grego, o queixo levemente quadrado eram da Henriqueta, mas a boca, os olhos e as mãos que me estenderam o jornal, êsses positivamente eram meus, e aquele garoto positivamente era meu filho. Oh! a onda de ternura que me dilatou e afogou o coração! (p.88).

São, por assim dizer, as pegadinhas da vida ou “Cruel Enigma”, que nem sempre deciframos com facilidade. Podem ser mistérios sérios ou cômicos, como os que envolvem os contos “Cruel Enigma”, “O noivado de Joanita”, “Entre irmãos” e “O piano”. Têm lugar, nesses contos, as pessoas desligadas do mundo real, “almas ausentes” que “gemem ao pêso de mórbida melancolia ou transitam sucumbidas por inenarráveis angústias” (p.89), “a alienação mental, loucura larvada, paranóia, esquizofrenia, paralisia progressiva” (p.90). Enfim, tudo que um nome como o de Mme.X pudesse incitar de misterioso: “um mixto de bondade e malícia no enigma dos seus profundos olhos verdes” (p.93).

No entanto, nada é mais enigmático e simbólico do que o sonho. De um noivado e do preparativo de um casamento, sonhado numa caminha de ferro, Joanita roga à Nossa Senhora a respectiva realização; agora, entramos em contato com os mistérios do amor. Stendal é lembrado pelo seu escrito de “Divã do amor” para arrematar a desilusão de um amor construído em “flirt”: a personagem descobre, pois, que a sua amada flertava com o irmão caçula. Um “flirt” que no conto “O piano” é transferido ao desejo de possuir um piano, objeto que causa decepção por não funcionar como deveria: piano que, ao em vez de embalar lindas melodias, transforma-se num guarda-louça ao qual o herói denomina de traste. Percebemos que a frustração diante de uma surpresa inusitada é um tema corrente nas histórias de *Contos Breves*, já que Cesário Prado usa essa técnica com o intuito de prender o leitor nas tramas. São traquinagens criadas, especificamente, para cada personagem, de modo que eles sempre tenham algo a revelar no fim de cada narrativa.

“- Cuidado com as palavras, Batechuka [...]” é o conto mais longo. Uma história que abarca referenciais de diversas culturas, tais como China, Japão, Rússia, Sibéria, Estados Unidos, dentre

outras, tudo intercalado nos diálogos entre o senhor Terra (que pode muito bem significar a terra natal) e seu interlocutor. Algumas expressões em inglês são ditas, porém, a mais importante é *words* (palavras): com essa expressão, o conto atribui uma lição de vida, mas não é uma lição qualquer, esvaziada ou despojada de valores espirituais; pelo contrário, convida o leitor a refletir sobre tudo o que lhe sai da boca. Vejamos:

A palavra *words, words*, faladas não voam como pretendiam os antigos, mas permanecem, ficam gravadas no tempo e no espaço para serem recolhidas pelos aparelhos modernos da nossa era científica, e para serem recolhidos pelos corações humanos em interpretações que o nosso gesto, o nosso tom de voz vem dar mais pêso para a vida dos nossos sentimentos e até para a nossa própria vida. (p. 120).

E, citando Gorki, conclui a ideia frisando: “Cuidado com as palavras, batchouka, elas têm sentido que varia de pessoa para pessoa. São entendidas de um modo por quem as profere e compreendidas por outra maneira pelos que as ouvem” (p.120). Entendamos, com isso, que os escritos de Prado estão longe de serem palavras jogadas ao léu, ou, de outro modo, literatura descompromissada, feita para ser aprisionada em bibliotecas vãs. Trata-se de uma literatura idealizada para tocar a sensibilidade humana, o compasso da alma e do coração, para, enfim, auxiliar o ser no entendimento do mundo. As palavras, aqui, são instrumentos que induzem à transformação e à compreensão.

De um só bote, façamos um passeio por entre os últimos contos, são eles: “Pássaros soltos”, “Caso singular de Nassin”, “Um mau desejo”, “Os vizinhos”, “Black”, “Estou ocupado”, “Estelionato” e “Parábola da fraternidade”.

Essas narrativas enfocam temáticas e situações típicas da vivência humana. Encontraremos, pois, desde amores que voam, fugindo, como “pássaros soltos”, ao amor pela terra, como no caso de Nassin. Amor pela terra adotada, terra indígena, onde “os índios morcegos que demoram entre os rios Tabajós e Arinos, caçam e pescam à noite e de dia dormem pendurados às árvores como os cheiropteros, porque habituados às trevas daquelas densas florestas, vêem durante a noite e são cegos à luz do dia [...]” (p.127). São, justamente, nessas paragens que os estrangeiros encontram abrigo e se transformam em guias ou guardiões da

natureza, mesmo que tenham sido abordados, no princípio, por índios que pareciam selvagens: “quando brota das moitas à beira da estrada uma chusma de bugres aos gritos e aos pulos do demônio! Nus aos pêlos e armados de arco e fechas!” (p. 129), tudo isso nas cabeceiras do rio Vermelho e afluentes ao sul do Araguaia. Desse modo, vermelho do urucun, a dança do siriri, o batuque do cururu, bebidas típicas do lugar, o coco iguaçu são aspectos que demonstram a cultura de um lugar e as práticas que os bororos realizavam. Cesário Prado narra essas façanhas com maestria.

As inferências históricas de Mato Grosso contidas em “Um mau desejo” servem de pano de fundo às tramas saudosistas, como bem diz a personagem:

– Olha a ‘Noite’ – A Revolução em Mato Grosso! Foi o único pregão que percebi. Mato Grosso em foco: só assim mesmo – por meio de revolução. Mas a anarquia de nosso Estado bem podia ser um balela política [...] Ah! meu bom Jesus de Cuiabá, fazei que ao menos seja assim! (p. 134).

Mas esses são acontecimentos que apontam para questões maiores, tais como reflexões do tipo: “os humanos são assim – têm pensamentos secretos que a própria consciência não compreende bem e de que se corariam, se vistos [...]” (p. 135). Se, por um lado, temos pessoas que escondem o que pensam, por outro, há os que são tão transparentes ao ponto de revelarem o que lhe diz respeito e as coisas que lhe são alheias. É o caso do seu Antônio, de “Os vizinhos”, que deixa de praticar a maledicência desde quando uma de suas vítimas presta-lhe auxílio no momento mais delicado da vida: a morte de sua filhinha.

O medo, nas narrativas de Prado, abre as portas para os contatos com o além. Assim acontece em “Black”, conto no qual há referências ao espiritismo kardecista. Um barulho na janela numa noite chuvosa, bem no estilo de Poe quando escrevera o seu *The Raven*, traz o pensamento de que ali poderia estar uma alma penada, tentando comunicar-se. No entanto, o leitor é surpreendido ao saber que não se tratava de espíritos dos mortos, mas sim de Black, uma gatinha que, encostada na janela, tentava proteger-se da chuva gelada.

Da ânsia pelo trabalho, da extrema responsabilidade de “Estou Ocupado” e das

brincadeiras com o sentido das palavras em “Estelionato” chegamos, finalmente, ao conto que encerra a coletânea: “Parábola da Fraternidade”.

Numa menção à Parábola do Semeador, proferida por Jesus Cristo e compilado no *Novo Testamento*, o narrador conta as peripécias de um bom samaritano: “o caso de outro viajante, que não deixa de ser de proveitoso ensino espiritual” (p. 151). Uma lição de vida que incentiva o burilamento do espírito, ao passo que convida à prática do amor ao próximo e à boa vivência em sociedade. Nada de moralismos, contudo, uma alusão positiva às potencialidades que temos para realizar as coisas espirituais. Talvez a trajetória dos relacionamentos inter e intrapessoais nessa coletânea possa traduzir-se nos seguintes dizeres:

Acontece que também, às vezes, o nosso próximo se nos afigura um monstro, mas diluindo-se as névoas da nossa imaginação, desfazendo-se os erros do nosso espírito, encurtando-se as distâncias com que dêle nos separamos, termos que reconhecê-lo um homem tal qual nós mesmos, com diversos mas não menores defeitos que os nossos, idênticas falhas, as mesmas lamentáveis desproporções [...] (p. 152).

As viagens por terras imaginadas ou por lugares queridos já visitados foram maneiras que Cesário Prado encontrou para homenagear a simplicidade e o belo da vida. Por isso, *Contos Breves* é uma obra singular, que faz com que esse escritor mato-grossense seja visto pelo mundo e, acima de tudo, ofereça às letras nacionais uma exemplaridade de nossa literatura. Ao mesmo tempo em que ele viaja pelos seus mais profundos devaneios, cria, também, condições para que as personagens conheçam lugares pelos quais ele próprio já deve ter trilhado. Como não poderia ser diferente, o leitor pega carona nessas andanças e, como viajantes, cada um acorda “já no seu país”.

Contos Breves está constituído de narrativas intrigantes e desfechos surpreendentes. Vale a pena entrar nesse mundo de ficção criado especialmente para encantar as pessoas que gostam da vida e amam visitar o mundo das maravilhas fictícias. Convidar o leitor para fazer parte nessa embarcação de leituras fascinantes seria pouco, por isso, o que temos a dizer é: entre! A casa é sua! *Contos Breves* são a nossa Mansão e os contos as suas dependências. Vamos conhecer esse lugar?

1 - Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus universitário de Tangará da Serra. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres. E-mail: agnaldosilva20@bol.com.br

Aceito para publicação em XX/XX/200X.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Annablume, 2002.

_____. *Estética da criação verbal*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 1985.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano – a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PRADO, Cesário. *Contos Breves*. Rio de Janeiro: Aurora, 1962.



